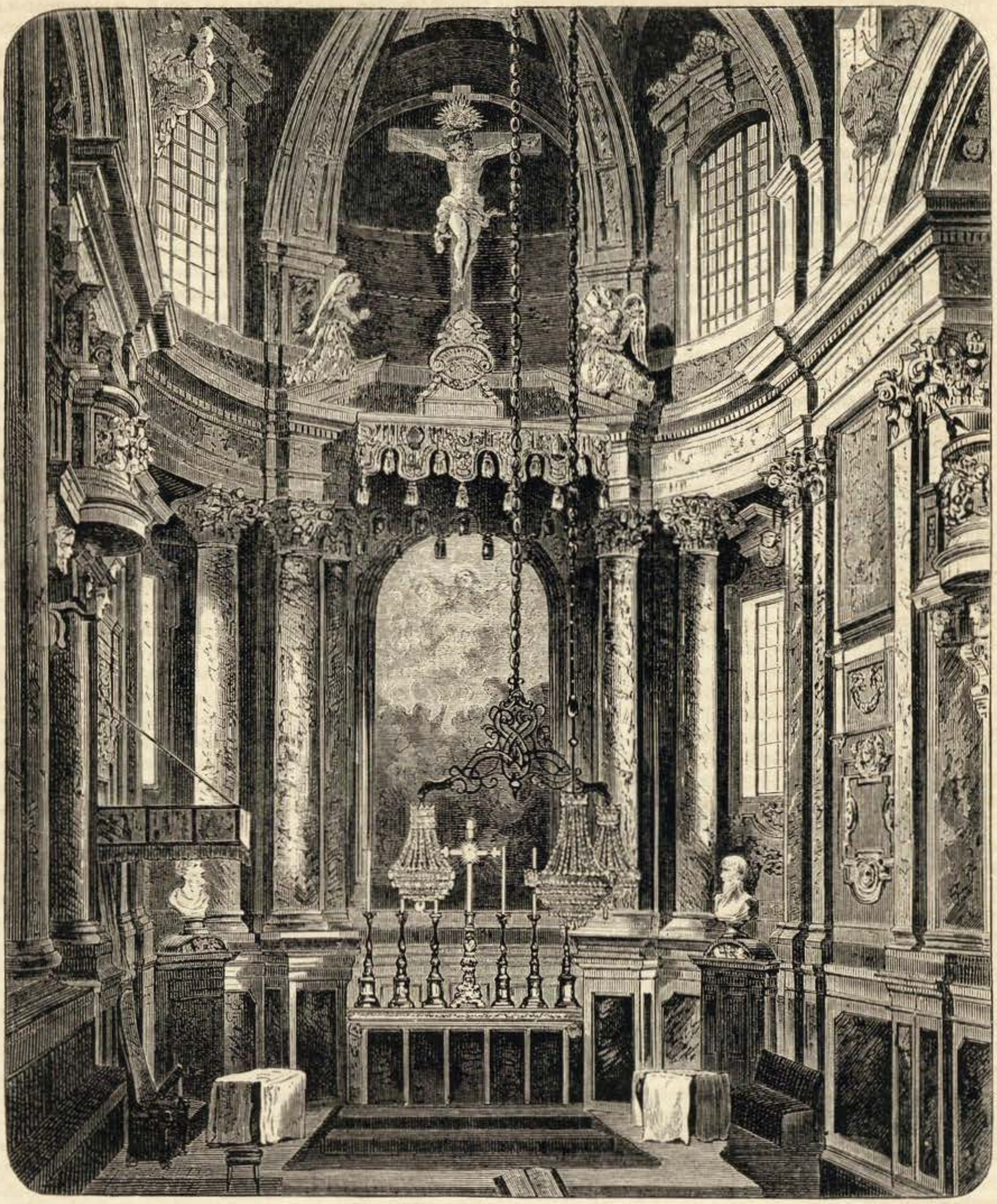


Capella-mór da sé de Evora

SÉ DE EVORA

A CAPELLA-MÓR

I

Assim como á natureza repugna confundir generos differentes e ajuntar no mesmo individuo typos organicos essencialmente distinctos, assim tambem parece que não deveria a arte misturar elementos heterogeneos e introduzir na mesma obra diversidade de estilos. N'este ponto, porém, foram tão pouco escrupulosos os melhores artistas, que nos monumentos que restauraram ou completaram, em vez de seguirem os desenhos primitivos, só attenderam os gostos ou as modas dominantes, não menos exclusivas e caprichosas nas bellas artes que em tudo o mais.

Decoraram edificios de puro gothico os architectos de D. Manuel com a elegante e florida ornamentação caracteristica das construcções portuguezas d'aquella epocha. Os de D. João III ou de D. João V, ajuntando ao estilo gothico ou ao manuelino o do renascimento, deixaram-nos ainda maiores discordancias e contrastes. Avultam, entre os numerosos exemplos de taes irregularidades architectonicas, as egrejas de Thomar, de Belem e da sé de Evora. A capella-mór da primeira é o proprio templo do seculo XII, ao qual, sem lhe

alterar a antiga fórma, el-rei D. Manuel addicionou a nova egreja que ergueu dos alicerces e exornou com todas as galas da sua graciosa architectura. Na segunda, ao corpo da egreja, obra prima d'aquelle mesmo rei, accrescentou D. João III a capella-mór, onde vemos symbolisada a insipiente decadencia de Portugal, como no restante do edificio a sua maior opulencia e grandeza. Na terceira, em fim, ha entre a capella-mór, que a nossa gravura representa, obra do architecto del-rei D. João V, e o corpo do templo, construido no reinado de D. Sancho I, um contraste não menos notavel que o que nos resulta de compararmos o devoto instituidor da patriarchal com o glorioso fundador da monarchia, ou com o esforçado repressor dos excessos do clero.

Não nos move a exaggerações o desejo de achar contrastes e correspondencias entre as pessoas e as coisas. D'aquellas refere a historia quanto basta para attestar o que dizemos. Estas são um livro aberto onde todos podem ler.

Na variedade, riqueza, polimento e brilho dos marmores da capella-mór da sé de Evora, na belleza das côres, na elegante e bem proporcionada articulação de todas as peças, na exuberancia de luz e ornatos, admirâmos o luxo e magnificencia de um rei que parecia convencido de que nas ostentações dispendiosas tinha os unicos e verdadeiros alicerces do altar e do throno. Pelo contrario, no corpo do edificio, a austera simplicidade das naves, a magestosa altura das abobadas, a côr singela do granito, a tenue claridade, que não chega a dissipar as sombras mysteriosas das ogivas, tudo nos recorda as crenças immarcessiveis dos homens da edade média, a sincera devoção d'aquelles que, juntamente com os seus grandes defeitos, tinham a maior virtude de amarem a Deus e a patria.

Falta authenticidade á unica memoria que nos resta da fundação da sé de Evora [1]. Todavia, a architectura exterior e interior do templo não deixa a menor duvida da sua remota origem. Nas grandes similhanças que tem com a antiga sé de Coimbra se desenha claramente a mesma epocha e talvez o pensamento do mesmo architecto. Mestre Roberto, que, com o estado de quatro moços e quatro jumentos, ia muitas vezes de Lisboa a Coimbra, desde 1162 até 1176, riscar as obras que haviam de se fazer e corrigir as que se tinham feito, podia egualmente vir a Evora, dez ou quinze annos depois, encarregado de missão identica pelo successor de D. Affonso Henriques.

Edificadas pelo mesmo ou por differentes architectos, que não ha penetrar as trevas de tão remota antiguidade, as sés de Coimbra e de Evora são duas reliquias preciosas d'aquella veneranda architectura que nasceu forte, religiosa e guerreira com a monarchia, e que tambem, como ella, se constituiu dos elementos que diversas raças haviam deixado na peninsula, e dos que das outras nações vieram agglomerar-se em volta do nucleo primitivo da sociedade portugueza.

Depois que o filho do conde de Borgonha, sem outros recursos mais que a força da sua espada e o resoluto valor de seus companheiros de armas, fundou a nossa independencia, a necessidade de guardar e estender os dominios adquiridos ligou os membros da nova nação como n'uma familia, como n'um homem só que se erguia intrepido e robusto contra todos os communs inimigos. A religião christã, menos distante de sua pura origem, animando e fortalecendo o sentimento da propria conservação, guiava os braços dos architectos, que sabiam guarnecer de torres e ameias os templos para servirem de castellos em ultimo extremo, sem todavia lhes tirarem o caracter de monumentos destinados ao culto da divindade.

Subia de ponto em Evora a conveniencia de construir d'est'arte um asylo sagrado e forte, onde o povo se reunisse para orar nos dias de paz, para orar e defender-se quando os muros da cidade não bastassem a conter da parte de fóra os inimigos do reino e da egreja. Em muitas das terras transtaganas conservaram-se os moiros até ao reinado de D. Sancho II, disputando com furor aos christãos a posse das povoações em que tremulavam ora as quinas, ora o crescente, segundo a vária sorte dos combates. Eram os convulsivos arrancos de uma nação moribunda que se debatia em vão para conservar os ultimos retalhos da terra cujos dons magnificos por alguns seculos desfructára. As chaves de Evora, sómente, assegurando o dominio da melhor parte do Alemtejo, poderiam retardar a rapidez d'aquella agonia terrivel e desesperada. Razão havia, pois, para recear dos sarracenos que tentassem vingar a grande affronta de Giraldo, reconquistando os muros em que elle grangeára o glorioso cognome de *cavalleiro sem pavor*.

Quando em 1376 o bispo D. Pedro IV edificou a crasta contigua á sé, posto que já não houvesse o risco das invasões arabes, seguiu o estilo do templo, erguendo novas muralhas de granito coroadas de ameias. Não serviam ellas ainda então de mero ornato, pois que, poucos annos depois, dos ameiados terraços da cathedral e do templo de Diana pelejaram os populares com os do partido da rainha D. Leonor, que se haviam encerrado no castello proximo.

N'estas negras couraças de granito está engastada da parte do oriente a branca e graciosa capella-mór de marmore, como fina e esplendida joia em annel de ferro não polido [1].

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

PISCICULTURA

(Vid. pag. 60)

II

Parece que as primeiras tentativas para artificialmente se obter a multiplicação de certas especies de peixes não são de data mui recente.

Diante dos olhos temos um livro, no qual se memora um monge da abbadia de Réome, D. Pinchon,

[1] É muito para notar que tendo havido em diversas epochas alguns doutos antiquarios no cabido da sé de Evora, nenhum d'elles escrevesse da sua fundação. A unica memoria a que alludimos é a noticia extrahida do livro dos anniversarios, citada por André de Resende, e depois por varios escriptores. D'esta nota se vê que D. Payo, primeiro bispo de Evora, depois que foi tomada aos moiros, poz a primeira pedra da egreja no *sico* do altar de S. Manços a 21 de maio da era de 1224, que corresponde ao anno de Christo de 1186.

Sabemos, pois, que no seculo XVI havia um livro com esta memoria. Mas em que epocha teria sido escripta? E por que razão faltariam já em tempo de Severim de Faria outras memorias que, se existissem, elle não teria deixado de colligir?

Por cima de um dos arcos que separam da central a nave da parte da Epistola, encostada ao parapeito do triforio, está uma figura tosca de pedra. É, segundo cremos, e com quanto ninguem até hoje o tenha escripto, o busto do architecto. Não tem barba. Cobre-lhe a cabeça um barrete á maneira de solideo, e o corpo uma roupa larga e franzida. Sobre o peito sustenta nas mãos um troço ou parallelipipedo de pedra, com duas unicas letras de bello gothico redondo em relevo bem saliente — C E. Serão iniciaes, ou a palavra *sé* erradamente escripta? Recommendâmos o enigma aos archeologos, que bem merece uma solução. A esculptura é imperfeita, e só a poderemos comparar á das figuras que se encontram n'alguns tumulos dos primeiros tempos da monarchia.

[1] Estava já na typographia este artigo e a nota precedente quando nos communicaram o seguinte: No livro dos anniversarios do côro da sé estão ordenados cinco, para o dia 29 de novembro, por bemfeitores da egreja. Com relação ao 5.º diz assim: «Item: no dito dia fazem anniversario por Martim Domingues que foi mestre da obra; e são para este anniversario vinte soldos antigos.»

Tendo-se feito na sé, entre outras obras importantes, a do claustro em 1376, não ha certeza de que as palavras citadas se refiram á construcção do templo. É, porém, mais provavel que assim seja, porque, de outra sorte, não deixariam de especificar a obra. É notavel que aos nomes de Affonso Domingues, architecto da Batalha, e Domingos Domingues, architecto do claustro de Alcobaça, tenhamos de accrescentar o de Martim Domingues, architecto da sé de Evora, todos com o mesmo appellido. E, se em nossa supposição não errâmos, cada um nos apparece um seculo, pouco mais ou menos, distante do outro. Perpetuar-se-hia a arte na mesma familia durante tres seculos, aperfeiçoando-se successivamente até produzir a sua mais sublime expressão — o mosteiro da Batalha?

Conserva-se em tradição na sé de Evora que o busto a que alludimos representa o architecto do templo, e bem assim que as duas letras gothicas querem dizer *sé*.

que viveu no decimo quarto seculo da nossa era, e que, no dizer de alguem, se dedicou a reproduzir, por meios artificiaes, os pacificos habitantes das aguas.

Baldadas foram todas as pesquizas que fizemos para sabermos algumas particularidades relativas áquelle iniciador da piscicultura, se o foi; ás especies ichtyologicas, sobre que versaram seus estudos; e á extensão e importancia d'elles.

Se não houve grande injustiça para com o pobre do monge, ou censuravel desleixo, o profundo silencio que a respeito d'elle tem guardado quasi todos os que hão escripto a historia da piscicultura, indica a pouca importancia dos seus ensaios.

Quatro seculos depois das experiencias do cenobita de Réome, dois homens notaveis, um italiano, outro allemão, Lazaro Spallanzani e Jacobi, crearam a arte importantissima de que nos occupâmos.

Spallanzani, cirurgião, naturalista e litterato distinctissimo, a quem as sciencias da natureza devem em grande parte o seu desenvolvimento, e cujo nome é ainda hoje e ha de ser durante muitas gerações citado pelos sabios com profunda veneração, estudou a fecundação artificial dos peixes, no intuito de roubar á natureza os importantissimos segredos da geração [1], os quaes, graças á sua intelligente perseverança e á de muitos outros physiologistas, se patentearam á curiosidade dos investigadores, e constituem actualmente, com o nome de *embryogenia*, um dos mais bellos e interessantes capitulos das sciencias medicas.

Jacobi não se propoz servir a sciencia especulativa, mas prestar um tambem relevante serviço á communidade, centuplicando por um processo, copiado do natural, as especies que vivem nas aguas, e que o homem emprega na sua alimentação, e repovoando os rios e mares, que mais de uma vez, e em diversos paizes, tem estado a ponto de ficarem ermos.

Foi em 1763 que Jacobi publicou as suas experiencias e os resultados que d'ellas alcançára.

Cinco annos antes, tinha o conde de Golstein, sabedor dos trabalhos de Jacobi, mandado ao pae do notavel chimico francez Fourcroy [2] uma noticia resumida d'aquelles trabalhos, a qual foi publicada no *Tratado geral das pescas*, de Henrique Luiz Duhamel du Monceau, agronomo intelligentissimo, que prestou muitos serviços ás sciencias, e do qual se affirma que, antes de Franklin, presentíra ser o raio produzido pela electricidade.

Desde 1765 foram as experiencias de Jacobi repetidas, em grande, perto de Nortelam, no Hanover; e taes foram os resultados que produziram, que o governo inglez conferiu um premio a Jacobi.

Vulgarisado o processo da fecundação artificial dos peixes, seguiram-se as experiencias em differentes partes. Em França se fizeram ellas em 1820; em 1837, Shaw repovoou de salmões o Nith, rio que corre a oéste da Escocia; em 1841, o inglez Boccius, do qual mr. Coste faz honrosa menção, enriqueceu de trutas, pelo processo da fecundação artificial, muitas aguas pertencentes a ricos proprietarios da opulenta Albion.

Provavelmente, em quanto Boccius, na Inglaterra, inspirado pela leitura do que ácerca d'este assumpto se havia escripto em mais de um livro e jornal, na Allemanha e nos dois reinos que separa o canal da Mancha, conquistava o favor publico, Gehin e Remy, pobrissimos pescadores de uma aldeola dos Vosgos, talvez analphabetos, certissimamente estranhos ás sciencias, descobriram e praticaram a fecundação artificial dos peixes, guiados apenas pela propria observação dos phenomenos naturaes, e mereceram que a sociedade de emulação dos Vosgos lhes conferisse em 1841 uma medalha de animação [1].

Passados sete annos, em 1848, mr. Quatrefages leu na academia das sciencias de Paris uma memoria sobre a piscicultura, na qual expoz as experiencias de Jacobi, e lembrou aos agricultores a possibilidade de abastecerem de peixes as aguas, como se fizera na Allemanha e na Inglaterra. Foi por esta occasião, se nos não enganámos, que o sabio professor se serviu de uma comparação tão verdadeira como pittoresca, dizendo que por meio da fecundação artificial se poderia semear peixes nas aguas, como se semeia trigo nos campos.

Como Quatrefages deixasse no escuro os nomes de Gehin e Remy, ou por não ter conhecimento das experiencias por elles feitas, ou por qualquer outro motivo, que não importa averiguar, acudiu em desaggravo dos seus laureados a sociedade de emulação.

D'aqui largas e curiosas contestações.

Suscitaram-se dúvidas ácerca da originalidade e prioridade do descobrimento dos dois obscuros pescadores. A discussão não as dissipou completamente de todos os espiritos. O auctor do artigo *Piscicultura* da *Encyclopedia universal* é um dos poucos que se mostram um tanto desfavoraveis aos dois mesquinhos. Historiando o acontecimento, diz elle, com certo ar de enfado, «que Gehin e Remy, não obstante *a bulha* que se fez com as suas investigações, apenas tinham descoberto factos já conhecidos, e reinventado os processos imaginados por Jacobi.»

A injustiça é flagrante.

Devem, porém, estar consolados os dois pobresinhos, se ainda existem, e se as vozes da imprensa scientifica tem chegado a seus ouvidos, com os elogios rasgados que lhes hão tecido juizes competentissimos.

Entre estes figura Laboulaye, que, além de outras coisas mui lisongeiras, diz «que Gehin e Remy deram provas de tamanha intelligencia e sagacidade nas suas experiencias, que justificam plenamente as recompensas honorificas que lhes conferiu a sociedade de emulação dos Vosgos.»

Ambrosio Tardieu, no seu excellente *Diccionario de hygiene publica*, fallando da piscicultura, declara «que não póde deixar em silencio o *admiravel descobrimento* de dois homens obscuros, que imaginaram e praticaram a fecundação artificial dos ovos dos peixes, e os esforços dos sabios que engrandeceram e completaram a sua obra, e cujo nome ficará associado á piscicultura.»

Heurtier, director geral do ministerio do interior, em França, começa um relatorio, que dirigiu ao ministro da sua repartição, sobre o assumpto, com estas phrases: «Dois pescadores dos Vosgos, Gehin e Remy, tiveram o merito de descobrir, por um notavel espirito de observação, o processo de fecundar artificialmente os ovos dos peixes, o qual, durante quasi um seculo, tinha sido exclusivamente do dominio da sciencia. Foram elles os primeiros, em França, que souberam dar-lhe uma applicação feliz e da maior utilidade.»

Finalmente, por não citarmos muitos outros, mr. Coste, cujo voto n'esta materia é de summo peso, no relatorio que fez subir á presença do ministro do interior, da agricultura e commercio, ácerca do estabelecimento

[1] Além de outras obras, deve-se a Spallanzani a seguinte, publicada em Paris em 1782: *Memoria sobre as reproducções animaes*.

[2] Pertence Fourcroy áquelle notabilissimo grupo de sabios que floresceram na Europa pelos fins do seculo passado e principios do actual, aos quaes a Providencia destinára a missão nobilissima de transformarem o mundo pela intelligencia e de crearem as sciencias, que até então estavam apenas esboçadas, ou jaziam escondidas e ignoradas nas trevas, que os grandes genios d'aquella epocha dissiparam. Fourcroy foi contemporaneo do immortal Lavoisier, de Berthollet, Guyton, Pryestley, Bergmann, Ampere, Davy, Dalembert, Monge, Linneo e de outros, aos quaes a civilisação moderna deve todo o seu esplendor.

Ainda que por muitos outros serviços não fosse Fourcroy credor da nossa devoção e sympathia, bastavam para o tornar respeitavel e bemquisto duas circunstancias: a de ter sido um dos creadores da nomenclatura chimica, cuja primeira idéa foi de Guyton de Morveau; e de ter concorrido valiosamente para a organisação das escholas polytechnica e normal, para a creação das escholas de medicina de Paris, Montpellier e Strasbourg, e de muitos lyceus, bem como para o engrandecimento do jardim das plantas de Paris.

[1] Alguem diz que Gehin era estalajadeiro. O nome de Remy vem citado com louvor no *Diccionario geral de biographia e historia*, de Dezobry e Bachelet.

de piscicultura de Huningue, do qual já vamos fallar, expressa-se do seguinte modo: «Depois que o descobrimento da fecundação artificial, por muito tempo encerrada nos laboratorios da sciencia, onde era exclusivamente consagrada ás experiencias de physiologia, foi transportada para o dominio da applicação, onde os felizes ensaios do conde de Golstein, de Boccius, e *sobre todos* dos dois pescadores de Bresce, a acreditaram, tem-se emprehendido serios estudos para dar aos processos que se prendem com esta nova industria todo o rigor que se deve esperar dos methodos mais bem provados.»

Em 1850, informou o professor Milne Edwards o seu governo sobre o alcance do processo empregado por Gehin e Remy, o qual estudára no local em que as experiencias tinham sido feitas e continuavam a fazer-se. Em consequencia do informe do sabio zoologista, foi nomeada uma commissão para dirigir os ensaios de fecundação artificial, repovoação e acclimação, que se fizeram nas aguas de Versailles, nos departamentos de Isere, de l'Eure, e em muitos outros do sul e do centro da França.

Por este tempo, o engenheiro chefe do canal do Rhone ao Rhin, mr. Berthot, e mr. Detzem, engenheiro ás ordens de mr. Berthot, lembraram-se de ensaiar a fecundação artificial nas aguas que tinham á sua disposição.

Luctando com muitas difficuldades, e sem auxilio algum do governo, conseguiram semear no canal um milhão de trutas, de salmões e de mestiços das duas especies. Para melhor resultado colherem das suas experiencias, escolheram, para fazel-as, um sitio que lhes pareceu mui azado para a nascença e desenvolvimento dos peixinhos, proximo do canal de Huningue.

No curto espaço de tres mezes, conseguiram fecundar tres milhões e trezentos mil ovos de diversas especies, os quaes produziram um milhão, seiscentos e oitenta e tres mil e duzentos peixes vivos.

Informado o ministro do interior dos lisonjeiros resultados obtidos por mr. Berthot e Detzem, encarregou mr. Coste de ir em pessoa examinar aquelles trabalhos, para depois emittir ácerca d'elles a sua opinião.

Mr. Coste foi; e de tal importancia julgou o que viu em Huningue, que, em vez de continuar a viagem scientifica, que tencionára fazer pelo nascente e sul da França, voltou a Paris, a dar conta ao ministro da commissão de que fôra encarregado.

No seu relatorio, que temos presente, propoz mr. Coste que o governo concedesse aos dois engenheiros, para construcções e despezas de exploração no estabelecimento de piscicultura de Huningue, a verba de trinta mil francos, que, em dinheiro portuguez, anda por quatro contos e oitocentos mil réis.

Por decisão ministerial, datada de 5 de agosto de 1852, foi sanccionada a creação do estabelecimento de Huningue, conforme propozera mr. Coste.

Foi, pois, creado o estabelecimento de piscicultura, que por muitas razões se póde reputar o mais importante da Europa.

Não sendo razoavel alargar muito esta noticia historica, e contando-se no que fica exposto o que nos parece mais importante relativamente ao desenvolvimento progressivo de tão util e sympathica idéa, passaremos a mencionar o que nos consta das tentativas feitas em Portugal para a criação artificial dos peixes[1].

Diremos depois, muito em resumo, as bases scientificas do processo, e explicaremos a estampa que orna o começo d'este artigo.

(Continúa) SOUSA TELLES.

[1] A'cerca do estabelecimento de Huningue, e dos de Inglaterra, Escocia e Irlanda, vejam-se os dois seguintes opusculos: *Noticia historica do estabelecimento de piscicultura de Huningue (departamento do Alto-Rheno), pertencente ao governo francez e a cargo da administração das pontes e calçadas*. Strasbourg, 1862.—*Relatorio sobre a piscicultura e a pesca fluviaeis em Inglaterra, na Escocia e na Irlanda, consideradas sob o duplo aspecto dos processos de producção, tanto naturaes como artificiaes, e da legislação que protege o povoamento das aguas correntes*.

O CORAL E A SUA PESCA

O coral é um gracioso polypo, simílhante na fórma a uma arvore pequenina, despojada das folhas e dos mais tenues raminhos.

É conhecido e apreciado desde a mais remota antiguidade como um bello material para a fabricação de variados adornos, com que as damas exalçam a sua formosura. Porém, a respeito da sua natureza, discordavam os philosophos e naturalistas antigos, servindo apenas as suas opiniões encontradas para provar que a desconheciam inteiramente. Uns affirmavam que era um mineral; outros esforçavam-se por demonstrar que era um vegetal; e o caso é que nenhum acertava com a sua verdadeira origem.

Theophrasto comparava o coral á hematite. Dioscorides dizia que era um arbusto marinho, que, pouco depois de se tirar da agua, endurecia por effeito do contacto com o ar. Esta opinião foi a que mais se generalisou e prevaleceu. Os creditos que Dioscorides gozava de sabio investigador dos segredos da natureza deram tal voga a essa opinião, que foi acceita e respeitada por todos os povos civilisados no longo curso de dezesete seculos, desde o primeiro seculo d'esta era, em que viveu aquelle philosopho naturalista, até aos principios do XVIII, em que Marsigli veiu de certa maneira confirmal-a, descrevendo em 1706 o que elle chamava flores do pretendido vegetal, e que eram, nem mais nem menos, os animaes fabricantes e habitadores do esbelto e delicado polypo. Foram as investigações de Peyssonel em 1750, secundadas depois por Milne-Edwards, que esclareceram a questão, demonstrando que o coral era na realidade o resultado do endurecimento interior de um polypo, que os naturalistas collocam no fim da ordem dos gorgonidas e na secção dos polypos corticiferos, isto é, que apresentam uma especie de casca ou cortiça. Esta, porém, é apenas a parte mais recentemente fabricada pelo animal, e, por conseguinte, menos consistente que o interior. É toda crivada de buraquinhos, que servem de vivenda aos animaes. Assim, pois, o coral propriamente dito tem por fim offerecer solida base a essas numerosas habitações. Os animaes, formados de uma materia gelatinosa, analoga á dos habitadores das madréporas[1], tem o aspecto de uma flor de côr esbranquiçada.

Dissemos que este polypo é simílhante a um pequeno arbusto, sem folhas, mas com muitas ramificações. O diametro do tronco não excede a 20 ou 25 millimetros. A substancia calcarea que o compõe está disposta por camadas concentricas. É finissima, de muita dureza, e facil de receber qualquer lavor e polimento. A parte exterior, ou casca, tem a côr acinzentada, e é semeada de tuberculos, que terminam em uma abertura, dividida em oito compartimentos para dar saída aos oito tentaculos do animal.

A côr interior do coral apresenta differentes variedades. Encontram-se polypos de um lindo vermelho, de côr menos viva, côr de rosa, e até quasi brancos. Chamam os naturalistas a este polypo *corallium rubrum*, porém no commercio dão-lhe diversos nomes, segundo as suas côres, como por exemplo: *escuma de sangue, flor de sangue, primeiro, segundo, terceiro sangue*, etc. O mais bello coral é o das costas da França e da Italia. Sobreleva aos das outras paragens na viveza da côr e no tamanho do polypo.

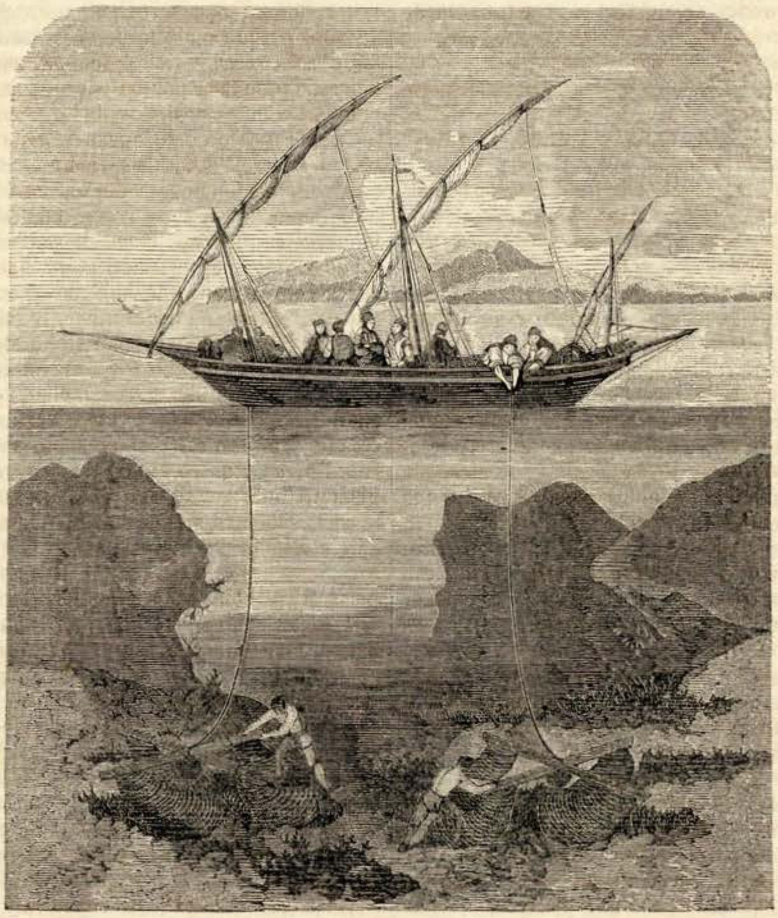
O coral está pegado aos rochedos pela base, em uma profundidade que varía conforme as localidades. Algumas vezes acha-se quasi á superficie da agua, mas commummente está a 200 e 250 metros de profundidade. O mar Vermelho e o Mediterraneo são as paragens onde até ao presente se tem achado o coral. N'este ultimo mar, encontra-se em mais abundancia

[1] Vid. pag. 108 do vol. x e 64 do xi.

nas ilhas Baleares, na Corsega, na Sardenha, nas visinhanças de Marselha, na Sicilia, nas costas de Tunis, de Argel e de Marrocos.

Para a pesca do coral empregam-se umas embarcações muito parecidas no tamanho, no feitio e na armação com as nossas rascas. Tanto os francezes como os italianos dão-lhes o nome de *coralinas*. São tripuladas, em geral, por dez ou doze homens, todos bons mergulhadores. Consiste o apparelho para a pesca em uma grande cruz de madeira, com quatro braços de egual comprimento e mui fortes, da extremidade dos quaes pendem quatro redes, como sacos. Ata-se uma grossa corda no centro da cruz, e, prendendo á parte inferior um peso sufficiente para levar ao fundo do mar o apparelho, lança-se este á agua horisontalmente. Ao mesmo tempo desce um mergulhador ao fundo do mar, e, travando do apparelho, vae raspando com cada um dos braços da cruz os rochedos a que estão agarrados os polypos do coral, até que ficam cheias as quatro redes. Faz-se esta operação com muita rapidez; e assim que termina, a um signal dado pelo mergulhador, os seus companheiros tratam immediatamente de o reconduzir á embarcação, bem como ao apparelho carregado de coral.

A maior parte da producção d'esta pescaria é levada a Leorne, que é o principal mercado do coral. Uma



Pesca do coral

certa quantidade é ahi vendida em bruto, e logo depois exportada para differentes paizes. O resto fica para os ourives e lapidarios de Leorne, que são eminentes nos trabalhos de esculptura em coral. Esta industria dá occupação n'essa cidade a numerosos artistas. Os variados adereços por elles fabricados para uso das damas representam annualmente um avultado capital, e constituem um ramo importante de commercio interior e de exportação.

A pesca regular do coral data do meiado do seculo XV, e dizem que foram os francezes quem lhe deu começo. O que é certo é que foi a França a primeira nação que deu certa regularidade a esta industria, instituindo uma companhia para a pesca do coral, com varios privilegios, e com um estabelecimento permanente na costa de Argel. Foram abolidos os privilegios da companhia em 1791, ficando livre a pesca do coral para todos os francezes que commerciassem com a Barbaria e Levante. Sobre as ruinas d'aquella companhia levantou-se outra, organisada por italianos, a qual obteve a posse do estabelecimento a que acima nos referimos, mediante uma contribuição paga em genero, isto é, no proprio producto da sua industria. Passados cinco annos, pretendeu o governo francez repor as coisas no antigo estado, creando uma nova companhia, á qual concedeu diversos privilegios. Porém estes nunca foram bem executados, e a sociedade colhia poucas vantagens, quando os inglezes se apossaram do mencionado estabelecimento, correndo o anno de 1802. Então teve a pesca do coral um grande desenvolvimento, empregando n'ella os inglezes umas quatrocentas embarcações. Depois da paz geral, em 1816, restituiu a Inglaterra á França o estabelecimento da costa de Argel. Desde 1830, em que os francezes se apoderaram do territorio argelino, a pesca do coral n'essa paragem tem sido administrada por conta do estado, sendo permittida ás embarcações estrangeiras, sob condição de pagarem certo tributo.

Os pescadores do Algarve occuparam-se por largos annos na pesca do coral, indo exploral-o na costa da

Barbaria. Esta industria correu entre nós vária fortuna, prosperando, decaíndo, tornando a desenvolver-se por diligencias do governo, que algumas providencias deu para esse fim, até que, novamente decadente, se extinguiu no seculo passado. A villa de Castro Marim foi talvez a que mais se entregou a esta industria.

A pesca e commercio do coral, sujeitos ao imperio da moda, tiveram outr'ora grande florescencia. Depois atravessaram um longo periodo em que estiveram quasi a extinguir-se, por falta de consumo dos seus productos. Modernamente tornaram a florescer, graças aos aperfeiçoamentos introduzidos pelos artistas na esculptura em coral.

Em tempos remotos, a medicina serviu-se do coral para a composição de alguns medicamentos. Hoje apenas se emprega, reduzido a pós, para a limpeza de dentes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

II

AVENTURAS DE UM CARANGUEJO

(Vid. pag. 91)

X

Assim diria, se podesse, aquella infeliz e ao mesmo tempo ditosa mãe: mas negára-lhe Deus a falla; e seu filho, endurecido pelas circumstancias da sua vida, estranho aos affectos, e já incapaz de sentil-os, interpretava de bem diverso modo os afagos e caricias da que ignorava ser sua mãe. Eis o que elle quereria responder, se fallasse:

«Basta, creatura immoral e descomedida! Olhe que me está fazendo mal com os seus abraços! Ai, o meu peito! Não me beije d'esse modo... Oh! impudente, pare ahi, que está offendendo os bons costumes e a moral publica dos caranguejos! Veja que já está por ahi toda a gente da visinhança ás portas a olhar para nós!... Então!... Ora para onde lhe havia de dar! Largue-me, já disse! Eu não sou d'esses que vossê parece estar costumada a agarrar assim publicamente!... Isso é uma indecencia, uma pouca vergonha! Vá lá para os seus eguaes, que eu cá não gosto d'isso!... Que despejo! A que estado chegámos!... Já os innocentes são assaltados pelos logares mais frequentados, á luz do meio-dia, para satisfazer os appetites e as paixões brutaes d'estas creaturas perdidas! Onde está a justiça? Onde está a Providencia? Onde está o castigo? Por que não cae o ceo aos pedaços, por que não rolam estes rochedos sobre tamanhos criminosos, para que allumia o sol taes iniquidades?! Oh! abominação! Oh! sensualidade! Oh! sacrilegio! Não ha remedio, pois, senão succumbir?!»

XI

Isto diria elle, ou peior ainda, se Deus lhe houvera concedido a divina faculdade de poder fallar. Mas como não fallava, luctou; e, no furor da pudicicia, conseguiu soltar-se dos braços maternaes e fugir. Correu com toda a agilidade de suas varonis antennas, e, para escapar ao perigo que mais detestava, expoz-se a outros maiores, saltando de rocha em rocha, de abysmo em abysmo, até que alcançou o penedo onde habitava. Dispunha-se a respirar á vontade, quando notou com profundo terror que fôra seguido, implacavelmente seguido por aquella de quem fugia! Entrou precipitadamente na sua cella, cuja boca era tão estreita que, felizmente, não cabia por ella a sua perseguidora! Esta parou á porta, encarando-o com os olhinhos espantados por não saber a causa por que um filho adorado mostrava tamanho horror a sua mãe.

O caranguejo faiscava de colera ao ver-se com sentinella á vista; mas depois de seguro de que a entrada da casa o defendia, poz-se tranquillamente a meditar na devassidão a que tinham chegado os costumes do seculo, que já as femeas tentavam apanhar maridos ou amantes pondo-lhes cêrco ás habitações! A pobre mãe, aquella que elle julgava sua inimiga, ficou velando á porta para que nenhum perigo perturbasse o somno de seu filho!

XII

Oh! santo amor maternal, que, mesmo desprezado e repellido, proteges e amparas os ingratos que te não sabem comprehender! Abençoado sejas tu para sempre! Ó vós que sois mães, não desampareis jámais os vossos filhos; não os exponhaes a que se criem longe de vós, porque mais tarde vos desconhecerão e rejeitarão as vossas caricias; e póde succeder-vos ainda peior do que aos pobres caranguejos!... Vós, principalmente, mães desnaturadas que engeitaes vossos filhos, não vos occorre que o engeitado póde crescer a tempo que sejaes ainda novas e escravas das paixões, que se póde enamorar de vós e vós d'elle (como ha de fallar a natureza no coração da mãe que engeita os filhos?), e que podeis assim commetter o mais horrendo e repugnante dos crimes? Não tremeis, não recuaes com a tremenda idéa de que a filha lançada á roda póde, tornando-se mulher, ir servir a casa de seu proprio pae, e renovar com elle a atroz e infanda historia de Myrrha e de Cinyras?! Oh! que este receio terrivel, á falta de outros motivos mais nobres, vos chame ao dever! E já que tivestes a fragilidade de cair no primeiro erro, não o aggraveis, presumindo occultal-o, com outro maior ainda. Lembrae-vos de que Deus vê tudo; e se não soubestes ser honestas e virtuosas, sabei ao menos ser mães, porque só assim podereis rehabilitar-vos.

XIII

A historia do meu pobre caranguejo toca o seu termo. A mãe, faminta, insaciavel de o ver, tendo concentrado toda a sua esperança n'aquelle encontro, e vendo-se tão duramente recebida, sem saber por quê, nunca mais se afastou da fenda do rochedo que lhe guardava o filho. Este preferiu morrer de fome a expor-se aos carinhos cuja origem tinha por suspeita ou depravada, sendo aliás a mais santa de todas!

Imagine-se bem a situação de duas creaturinhas olhando-se noite e dia, sendo ambas causa innocente da morte uma da outra, sem meio de communicarem seus pensamentos, suas repugnancias, suas aspirações; — uma sem poder perguntar:

XIV

«Que queres de mim? Que te fiz eu para que me venhas matar, sitiando-me na minha cella, d'onde não posso sair em busca do meu sustento por ignorar as tuas intenções?!...» E outra sem poder responder: «Sou tua mãe, desgraçado! Que culpa tenho eu das tuas desventuras, para que me odeies? Vem aos meus braços, filho da minha alma! Nunca mais d'aqui me afastarei nem tornarei a tomar alimento, e expirarei á tua vista, se me não fizeres a esmola do teu amor!»

XV

Este drama doloroso teve fim. A pobre mãe começou a chorar; e, por um estranho mysterio, á medida que as suas lagrimas se escoavam para o mar, o seu corpo diminuia de volume, até que de todo se desfez e desappareceu a ultima gota salitrosa que lhe pertencêra. O filho, porém, ficou onde estava, e completou sem violencia a sua metamorphose, de muito come-

çada; converteu-se em pedra, assimilando-se á parede da sua cella, mas sem perder a fórma primitiva.

Haverá doze annos que visitei aquellas praias, testimunhas de tão doloroso successo, e, subindo ao penedo que se ficou denominando a *Lapa dos caranguejos*, lá vi a petrificação, e á vista d'ella escrevi esta historia, tal como a tradição a tinha conservado.

F. Gomes de Amorim.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Vid. pag. 84)

II

Não creio na Turquia, repito, não creio na possibilidade da existencia de uma nação onde quatro seculos não conseguiram fundir os diversos elementos que refervem n'esse cadinho despotico. Não creio n'uma nação onde a raça a quem a espada deu a supremacia não consegue, nem tenta mesmo, durante quatro seculos, transformar a sua occupação militar n'um dominio serio e solido; n'uma nação a cujas instituições não bastam quatrocentos annos, nem bastariam mil, para tomarem raizes no solo em que imperam; n'uma nação, em fim, onde o poder pertence a uma minoria brutal e inintelligente, em quanto as raças onde ha vida intellectual, as raças que formam verdadeiramente a nação ou as nações constituintes d'esse hybrido conjunto, estão condemnadas a vegetar politicamente á sombra da arvore caduca e esteril da Sublime Porta.

Pois quê! as raças duras e energicas do Norte, inundando como uma torrente o imperio romano, ainda vigoroso, tem força bastante para arrasarem e confundirem instituições, e ao mesmo tempo malleabilidade bastante para se adaptarem aos moldes da antiga civilisação, que hão de sobreviver á quéda do mundo antigo, e em que se ha de vasar a civilisação moderna; assim que esses povos barbaros se acham em contacto com os povos civilisados, resulta do seu choque uma confusão fecunda, porque n'esse baralhar de instituições, de religiões, de linguas, se estão procurando e casando os elementos d'onde hão de sair as nações vigorosas da moderna Europa, nações que não são nem gaulezas, nem frankas, nem celtibericas, nem gothicas, mas francezas, mas hespanholas, mas portuguezas, quer dizer, nações que datam exclusivamente d'essa epocha de elaboração, e que á conquista fecunda operada sobre os paizes romanisados pela espada dos barbaros do Norte, e á outra conquista, não menos fecunda, operada sobre os barbaros do Norte pela civilisação e pela religião das provincias de Roma, devem a sua energia, o seu vigor e a sua indole toda progressista; e a raça brutal dos filhos de Othman alaga o decrepito imperio byzantino, devastando apenas, não como inundação providencial que confunde o seu nateiro fertilisador com o solo onde pullulam elementos de fecundidade, mas como flagello de Deus, como terivel inundação que desce de inverno, em torrente espumante, das montanhas, e devasta, arrasa, destroe e passa, deixando a tristeza e a ruina onde encontrou a florescencia e a vida; essa raça exclusivamente guerreira, que, desde que deixou de ser o terror da Europa, passou a ser o ludibrio d'ella, porque não tinha motivo de existir que não fosse a guerra, assim como o raio não tem motivo de existir que não seja a tempestade; essa raça encontra um povo sem energia, e nem sabe transvasar-lhe para as veias o seu sangue juvenil e ardente, nem sabe receber das suas mãos sem força o legado civilisador; não impõe a sua religião, nem acceita a dos vencidos; não cruza as raças, nem ao menos tem vigor bastante para se substituir inteiramente aos autochtonas; acha-se em contacto com a lingua grega, como os barbaros do Norte com a lingua latina, e nem percebe que o idioma de Homero possa vencer a sua rude linguagem, nem que a sua linguagem possa modificar o idioma de Homero; conserva-se completamente distincta da raça opprimida, estupidamente tolerante com as idéas, estupidamente intolerante com os homens, soldadesca infrene acampada em territorio inimigo; e a Europa ha de acceitar este arraial como nação, ha de consentir que em pleno seculo XIX se dê o nome de nacionalidade turca a um amalgama de slavos, de gregos, de armenios, sobre os quaes tripudia, sem caracter, sem força, sem litteratura, sem tradições que a prendam ao solo, sem coisa alguma do que constitue as nacionalidades, uma horda semi-barbara de nomadas asiaticos!

A Turquia é uma ficção diplomatica, e, por mais que tente agora e tente lealmente acolher as idéas da civilisação européa, ficção ha de permanecer sempre, porque é uma impossibilidade completa a fusão das diversas raças que povoam o imperio; e, desde o momento em que essa fusão é impossivel, a lucta interior ha de subsistir até que as raças autochtonas repulsem os invasores, e tomem posse de si mesmas. Ha muito que isso se teria effectuado se a questão do Oriente não se tornasse de subito, graças aos projectos ambiciosos da Russia, o phantasma que persegue em sonhos a diplomacia occidental. Recuam as potencias diante de uma solução inevitavel, e temem as procellas que d'ahi hão de resultar; em vez de encararem face a face o perigo, preparando-se para elle, procuram prolongar o *statu quo*, e afferram-se com enthusiasmo a tudo quanto lhes possa dar uma vaga esperança de que esse *statu quo* seja definitivo. Por isso applaudem e apregoam todas as reformas da Turquia, por isso acolhem como uma promessa a vinda do sultão, e basta-lhes essa supposta garantia de um renovamento no imperio turco para que deixem succumbir com indifferença os intrepidos cretenses, que invocam debalde as suas tradições sublimes, a generosidade da Europa, a fraternidade que nos devia arrastar a soccorrer esses nossos irmãos, filhos primogenitos da civilisação hellenica, e que tem em resposta no *Monitor* francez esse periodo, em que se commemora a victoria proxima dos musulmanos:

«Tudo leva a acreditar que este ultimo esforço da rebellião, *em que a parte sã da revolução candiota não tomou parte alguma*, não conseguirá fazer voltar para a ilha de Creta uma nova era de desgraças e de ruinas.»

Esse mesmo artigo, lamentando que a revolução não estivesse de todo acalmada, começava assim:

«As esperanças que nos inspirára o geito *favoravel* dos acontecimentos de Creta não se realisaram inteiramente [1].»

Nem se realisarão nunca. Subjugada aqui a revolta, brota de novo além. O artigo do *Monitor* era de 5 de dezembro de 1866, e no dia em que estou escrevendo (2 de outubro de 1867) vejo nos jornaes a noticia de ter rebentado com mais força a mal comprimida insurreição [2].

Pois não lhes demonstram a cada passo estas explosões o quanto é ficticia a existencia da Turquia? Apesar do cuidado com que o Occidente faz da integridade do imperio ottomano a garantia do equilibrio europeu, não se está esse imperio desconjuntando a cada passo? Não quebraram de todo os principados danubianos os tenues laços que os ligavam á Turquia? Julga-se possivel, sem se derramarem ondas de sangue, que volte a ilha de Creta para o dominio do sultão? A agitação não é constante de sul a norte, de oriente a occidente, e na propria capital, onde os armenios e os gregos estão perfeitamente organisados, não existem fermentos perennes de revolta?

[1] Veja-se a este respeito um artigo de mr. Beulé, *La Crête et la question d'Orient*, na *Revue des deux mondes* de 15 de janeiro de 1867.

[2] Quando este artigo se publica (julho de 1868) ainda não está terminada a revolta de Creta.

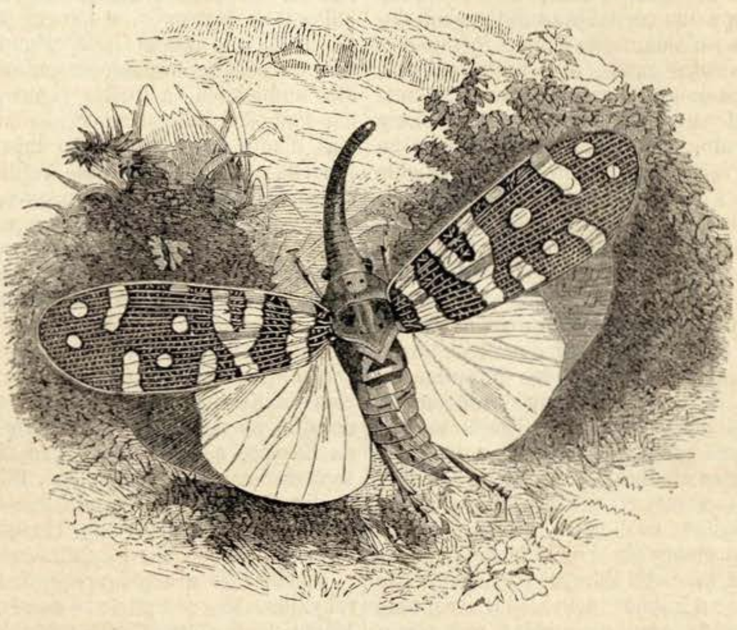
Gregos, armenios e slavos são as tres raças principaes que existem no imperio turco. Vejamos qual é a força vital d'essas nacionalidades, a sua imcompatibilidade com o dominio turco, e depois veremos se o receio de despertar a grave questão do Oriente não está obrigando a diplomacia occidental a combater contra a natureza das coisas, e a preparar, por conseguinte, uma catastrophe mil vezes mais funesta do que o perigo contra o qual a Europa se procura garantir com esse escudo apodrecido do imperio dos ottomanos.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

PYRILAMPO PORTA-CANDEIA

São bem conhecidos em todo o nosso paiz uns insectos pequeninos que se escondem em quanto o sol illumina a terra, e que durante a noite vagueiam por entre as balsas e sobre a relva dos prados, brilhando na escuridão com uma luz phosphorica, que de espaço a espaço se eclipsa. *Vaga-lume*, *pyrilampo* ou *lumieira* são os nomes vulgares com que o povo os designa; e, além d'estes, ainda lhes dá outras denominações, segundo as localidades. A estes insectos, de que ha diversas especies, chamam os naturalistas *lampyris*, collocando-os no genero dos cleopteros.

Porém o singular insecto, que se vê representado em a gravura junta, com quanto seja dotado da mesma propriedade de resplandecer nas trevas da noite com uma luz phosphorecente, pertence ao genero dos hemiopteros e á familia das cigarras. Chama-se em linguagem scientifica *fulgora candelaria*. Representa-o a nossa gravura no seu tamanho natural. A cabeça, de côr avermelhada, tem um grande prolongamento curvo e ponteagudo, da fórma do qual tira o insecto, sem dúvida, o seu nome popular de *pyrilampo porta-candeia*. Os elytros, ou azas superiores, são verdes, com pintas côr de laranja. A mesma côr de laranja



Pyrilampo porta-candeia

lhe tinge o corpo e as azas inferiores, terminando estas em uma faxa preta.

A este insecto, de tão exquisita fórma e de tão vivas côres, concedeu a natureza o dom de resplandecer com os reflexos, embora pallidos, de uma luz phosphorica. Não desfructa, porém, este dom por toda a vida, apesar de ser bem curta, mas sómente durante uma parte d'ella.

Este pyrilampo é natural da China. É o maior que alli se encontra d'entre as diversas especies designadas com o nome de *fulgora*. Porém outra especie ha na America incomparavelmente maior. Chamam-lhe os americanos *porta-lanterna*, e os naturalistas *fulgora lanternaria*. I. de Vilhena Barbosa.

ORGULHO DOS INGLEZES

Hei de revelar o mal e não occultar o bem. Tenho ainda a palavra. Fui testimunha de uma d'essas manifestações exaggeradissimas do espirito publico inglez em uma circunstancia mui delicada.

Um negociante fôra encarregado pelo governo de comprar madeiras de construcção para o porto de Archangel. A Inglaterra, n'aquella epocha, estava em situação critica: nem podia reparar nem edificar. Mas as circunstancias mudaram dentro em pouco, e o governo, achando o mercado em condições mais favoraveis, accusou o negociante de falta de zelo, e arruinou-o.

O infeliz apresentou diversas memorias para se justificar, pediu audiencias aos ministros, porém baldadamente. A final, em um momento de desesperação, resolveu-se a esperar o primeiro ministro Perceval á porta da camara popular, e, depois de lançar-lhe em rosto a sua deslealdade, matou-o.

Prenderam o homicida, e o processo instaurou-se sem demora. Ficando provado o crime, o infeliz foi julgado e condemnado a pena ultima. Na occasião da execução o povo apinhoava-se na praça onde se levantára o cadafalso, e de todas as partes se ouviam estas palavras:

— Adeus, infeliz! devias reparação ás leis do teu paiz porque as tinhas offendido; mas, Deus te perdoe! prestaste um grande serviço á patria. Ensinaste aos ministros que devem ser justos e conceder as audiencias que lhes são pedidas.

Abriu-se em seguida, a favor da viuva e dos filhos do infeliz negociante, uma subscripção, que subiu a uma somma tão importante, que de certo, em outra qualquer circunstancia, não teriam pensado que poderia accumular-se tamanha riqueza [1].

[1] *L'Angleterre vue à Londres*, pag. 35.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31